

TEORIAS NÃO-CRÍTICAS E TEORIAS CRÍTICO-REPRODUTIVISTAS:

Quais As Implicações À Educação Da Classe Trabalhadora?

Karine Araújo Almeida¹

RESUMO

Este trabalho analisa os três primeiros capítulos da obra *Escola e Democracia*, de Dermeval Saviani, com o objetivo de: expor quais são as teorias educacionais conceituadas pelo autor e quais as implicações que estas viabilizam para a classe trabalhadora, ou seja, se são propostas educacionais que reforçam as desigualdades ou se potencializam à ascensão social. Inicialmente, apresentam-se as classificações feitas pelo autor entre teorias educacionais “não-críticas” e “crítico-reprodutivas”. Em seguida, discutem-se as três teses formuladas por Saviani para criticar as teorias não-críticas e, por fim, expõe-se brevemente qual a teoria crítica proposta pelo autor. A metodologia adotada consistiu em estudo bibliográfico da obra, buscando compreender sua contribuição para uma análise crítica das concepções educacionais. Como resultado, observa-se que, ao estar vinculada a um sistema hegemônico sustentado por desigualdades, a educação tende a reproduzir tais contradições em vez de superá-las. Assim, tanto as teorias “não-críticas” quanto às “crítico-reprodutivas” não oferecem caminhos de emancipação social, e mesmo sua combinação não solucionaria a questão das desigualdades. E ao que se refere à teoria crítica apresentada por Saviani, conclui-se que sua efetividade como proposta verdadeiramente transformadora exige estudos mais aprofundados acerca de sua aplicação prática, a fim de evitar que, ainda que de forma não intencional, reproduza as mesmas desigualdades observadas nas teorias anteriormente discutidas. Ressalta-se, por fim, que este é um estudo de caráter teórico, mas que contribui para a reflexão sobre a prática educativa que almejamos consolidar enquanto professores.

Palavras-chave: Teorias educacionais, Educação crítica, Educação.

I. INTRODUÇÃO

Dermeval Saviani, um importante filósofo brasileiro, em sua obra *Escola e Democracia*, num ajuntamento de artigos e escritos ao longo de décadas, desenvolve e expõe teorias sob o viés de que há pelo menos dois grupos que se opõem na sociedade, e que ambos lidam com a questão da marginalidade de forma diferente, o que desencadeia uma série de reflexões a respeito de quais consequências há à educação e se é possível promover uma educação emancipatória ante a sociedade desigual.

¹ Licencianda do Curso de Pedagogia no Instituto Federal de Brasília - IFB, karinearaujocontato@gmail.com;



Partindo deste pressuposto, o autor divide tais teorias educacionais em dois grupos. O primeiro trata-se das teorias “não críticas” e o segundo das “teorias crítico-reprodutivistas”. Ambos os grupos “[...] explicam a questão da marginalidade a partir de determinada maneira de entender as relações entre educação, e sociedade.” (SAVIANI, 2012, p. 3). Mas há um contraste pontual entre ambos. O primeiro grupo concebe a sociedade como harmoniosa e que os casos de marginalidades são exceções que podem e devem ser resolvidos com a educação. Já o segundo grupo percebe o marco de antagonismo entre as duas classes e enxerga a educação como um mecanismo de reforço às desigualdades sociais existentes. “Nesse sentido, a educação, longe de ser um instrumento de superação da marginalidade, se converte num fator de marginalização já que sua forma específica de reproduzir a marginalidade social é a produção da marginalidade cultural e, especificamente, escolar.” (*Ibidem*, p. 5). Logo, tanto as teorias do primeiro grupo como as do segundo não corroboram para a luta eficaz da classe dominada. E quanto à nova teoria proposta pelo autor, há uma indicação de que possa de fato promover uma superação desta problemática, todavia, nesta obra de Saviani, tal teoria não é ainda tão consolidada logo não se tem resultados concretos de que há nesta teoria solução efetiva.

A discussão proposta foi desenvolvida por meio de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, utilizando-se como principal ferramenta de trabalho a análise da obra *Escola e Democracia* de Dermeval Saviani, que reúne artigos científicos do autor, tais que foram escritos ao longo de décadas. Portanto, fora feita a análise e a reflexão crítica sobre tal temática, com a pesquisa especificamente nos três seguintes capítulos: I) *As teorias da educação e o problema da marginalidade*; II) *Escola e democracia I - A Teoria da Curvatura da Vara* e III) *Escola e democracia II - Para Além da Teoria da Curvatura da Vara*.

II. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As teorias não-críticas.

Este é o primeiro grupo em que o autor se debruça a explicar. Neste, há a identificação das seguintes propostas educacionais: a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista. De acordo com o autor Saviani (2012), cada uma destas surge com a finalidade de resolver os problemas do sujeito marginalizado e se trata da manutenção do sistema hegemônico, dado que tem por objetivo a correção por meio da educação e não a transformação do sistema hegemônico.





A Pedagogia Tradicional é a primeira tendência educacional exposta neste grupo teórico. Se trata de uma pedagogia eminente de um contexto em que necessitava educar minimamente o sujeito ignorante, logo a massificação da escola se fez necessária para alcançar em massa, isto é, a todos quanto fosse possível. Nisso, o marginalizado tem a oportunidade de normalizar sua situação social pela assimilação dos conhecimentos acumulados. A figura do professor, neste contexto, é fundamental e necessário para transmitir os conhecimentos acumulados ao aluno.

Na Pedagogia Nova o marginalizado não é mais o ignorante mas sim o rejeitado ou o desajustado na sociedade. Logo, têm-se por objetivo integrá-lo na sociedade, onde entende-se porém que sua “anormalidade” não se trata de algo negativo mas apenas uma diferença que deve ser trabalhada. Nesse ensino, o professor não é o centro do ensino, como na Pedagogia Tradicional, mas apenas o mediador entre o conhecimento e o aluno. Inclusive, quanto ao aluno, deve vir deste a iniciativa de buscar o conhecimento ao se sentir instigado e medidamente motivado pelo seu professor. Esse modelo de escola, no entanto, revelou-se muito mais excludente visto que se tratava de uma estrutura de um alto custo financeiro para se manter, e assim essa nova reorganização escolar também fracassou com a pretensão de resolver o problema da marginalização.

Por conseguinte, a terceira proposta educacional desse grupo não crítico é a Pedagogia Tecnicista que desmascaradamente se apresenta como um meio educacional que tem por intencionalidade viabilizar ainda mais o êxito do sistema capitalista, uma vez que, nesta proposta de educação, a finalidade é necessariamente qualificar a mão de obra para o mercado de trabalho. Neste ensino, o centro já não é o aluno e nem o professor, mas a organização deste sistema propriamente que se incube portanto de direcionar as instâncias para operacionalizar-se o ensino. Aqui, o marginalizado é o incompetente e o improdutivo que necessita se instrumentalizar e se capacitar para participar do sistema produtivo da sociedade para se integrar à sociedade. Este meio de ensino também falhou com a perspectiva de ascensão do marginal.

Portanto, tais teorias por conceberem a educação como autônoma da sociedade, uma vez que considera que a educação pode alcançar, por si própria, a solução da questão social desigual, recebem o nome de “não críticas” tendo em vista que se trata de ingenuidade neste pensamento. Por um outro lado, as teorias do segundo grupo, para Saviani, se comportam como críticas por haver um olhar na sociedade em que se percebe o antagonismo marcante de



classes e que necessariamente isto afeta a educação. Logo a instituição de ensino, para esse segundo grupo, não é independente dessas circunstâncias sociais, e inclusive por não ser independente propiciam uma educação que reproduz a marginalização, por isso Saviani as chama de “crítico-reprodutivistas”.

2.2. As teorias crítico-reprodutivistas.

O segundo grupo teórico que Saviani apresenta não se trata de teorias educacionais propriamente como o é com o grupo teórico anterior. Neste segundo segmento é evidenciado teorias que denunciam organismos na sociedade que sugerem ser emancipatórias, porém se revelam como meios para reforçar o sistema hegemônico capitalista. As três teorias apresentadas são: i) "Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica"; ii) "Teoria da escola enquanto Aparelho ideológico de Estado (AIE)"; e iii) "Teoria da escola dualista". (SAVIANI, 2012, p. 16).

A primeira foi fundamentada por Bourdieu e Passeron e se baseia no entendimento de que “[...] toda e qualquer sociedade estrutura-se como um sistema de relações e força material entre grupos ou classes.” (*Ibidem*, p. 17), dessa forma o grupo dominante atua sobre o grupo dominado uma relação que é denominada por “violência simbólica”. E essa violência simbólica é expressada de maneiras diversas: “formação de opinião pública pelos meios de comunicação de massa, jornais etc; [...] atividade artística e literária [...]” (*Ibidem*, p. 18).

Com isto, o objetivo propriamente dos autores Bourdieu e Passeron, ao expor essa teoria, é denunciar que novamente a função da instituição escolar é reproduzir as desigualdades dado a imposição da cultura da classe dominante (*Ibidem*, p. 28). Nessa teoria os marginalizados são os grupos dominados, grupos estes desprovidos do capital econômico e mais uma vez desprivilegiados também no âmbito educacional por lhes ser imposto um capital cultural excludente. Por isso, na altura desta discussão Saviani se mostra cético quanto a possibilidade de uma ascensão por meio desta teoria não crítica:

Não há outra alternativa. Toda tentativa de utilizá-la como instrumento de superação da marginalidade é apenas uma **ilusão**. E a forma pelo qual ela dissimula e, por isso, cumpre eficazmente a sua função de marginalização. Todos os esforços, ainda que oriundos dos grupos ou classes dominados, reverte sempre no reforço dos interesses dominantes [...]. [...] de fato, à luz da teoria da violência simbólica, a classe dominante exerce um poder de tal modo absoluto que **se torna inviável qualquer reação por parte da classe dominada**. A luta de classes resulta, pois, **impossível**. (SAVIANI, p. 20 e 21; grifos meus).





Dessa forma, a tentativa de resolver a questão da marginalidade, para Dermeval Saviani, sempre se resultará na reprodução dos interesses da classe dominante, uma vez que a educação não está alheia mas sujeita a sociedade capitalista que emprega forças para fortalecer sua hegemonia nos diversos meios, e inclusive na e pela educação. Um fato que dialoga com a segunda teoria: “Teoria da Escola como Aparelho Ideológico do Estado (AIE)” (*Ibidem*, p. 21).

Na teoria do Aparelho Ideológico do Estado (AIE), não apenas a escola é um meio para reproduzir e afirmar a ideologia da classe dominante, como também outros mecanismos são como por exemplo a política, a mídia e outros. Há ainda o aparelho repressivos de estado como a polícia, o governo etc; tais que, diferentemente do primeiro viés, utiliza-se da violência como primeiro meio, em contrapartida os AIE citados anteriormente atuam pela imposição mascarada da ideologia dominante. Em síntese: “Como AIE dominante, vale dizer que a escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção de tipo capitalista. [...] [...] Em todos os casos, trata-se de reproduzir as relações de exploração capitalista.” (*Ibidem*, p. 22). Em suma, novamente se trata de demarcar a instituição de ensino como um instrumento de reprodução social, onde o marginalizado, isto é, a classe trabalhadora, está mais uma vez diante de um cenário onde a luta resultante é “[...] inglória, já que sem nenhuma chance de êxito.” (*Ibidem*, p. 24).

Por fim, na terceira teoria, por nome “escola dualista”, é demarcado a questão de que há dois tipos de educações diferentes para as duas classes antagônicas: uma para a burguesia, a classe dominante, e outra para o proletariado, a classe dominada. Esta teoria da escola dualista tem uma relação diretamente com a teoria anterior, isto é, o AIE visto que seu objetivo final é corroborar para “[...] a para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa. [...] não se trata de duas funções separadas.” (*Ibidem*, p. 26). E mais do que isso, a escola dualista tem ainda por “[...] missão impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária.” (SAVIANI, p. 27, grifo do autor). Dessa maneira, o marginalizado se torna muito mais excluído da equalização social e ainda é enfraquecido sua luta contra a classe dominante. Com isto a escola é genuinamente um AIE uma vez que se trata de um mecanismo da burguesia para impor sua ideologia sob o proletariado por meio de uma instituição escolar em que há expressa desigualdade pela dicotomia escolar (*Ibidem*, p. 28).



III. O DESMASCARAMENTO DAS TEORIAS NÃO CRÍTICAS.

Tendo em vista que as teorias não críticas que reproduzem a desigualdade social não colabora para a emancipação do sujeito, mas inibem ainda a luta operária, Saviani se propõe discorrer, mesmo que brevemente, por três teses a fim de desmascarar a má intencionalidade da classe dominante. A primeira tese se refere à Pedagogia da Essência em contraste à Pedagogia da Existência; a segunda tese busca evidenciar a não cientificidade da Escola Nova e a cientificidade da Escola Tradicional, quando por ora aparentava ser o contrário; e por último, a terceira tese dialoga com a questão da democracia que esperava-se em uma teoria mas revelou-se em verdade numa outra, isto é, era aparente na concepção da Escola Nova, mas, para Saviani, era mais evidente na proposta tradicional. Ademais, esse desenvolvimento teórico se faz em diálogo com a “teoria da curvatura da vara” de Lênin, uma vez que Saviani propõe-se a “curvar” a vara para o lado oposto visando um reajustamento desse problema na educação (SAVIANI, p. 36).

3.1 As três teses.

A primeira tese, traz dois conceitos principais no bojo da discussão: a essência e a existência humana. Trata-se de conceitos que dialogam diretamente com a historicidade que culmina assim numa concepção pedagógica. Desse modo, duas pedagogias emergem desses dois conceitos: a “Pedagogia da Essência” e a “Pedagogia da Existência” (ibidem). A primeira é considerada por Saviani como revolucionária, enquanto a outra se comporta como reacionária.

Para contextualizar a Pedagogia da Essência, o autor parte de alguns aspectos da sociedade da idade antiga até o início dos tempos modernos. Na sociedade grega antiga concebia-se que o caráter da essência humana necessária para condição de homens livres, logo o escravo não era humano (*Ibidem*, p. 38). Já na idade média, essa concepção muda: o homem é determinado por uma predeterminação natural; ou seja, se o indivíduo livre nasceu desta maneira isso garante a ele uma condição legítima suficiente para efetivar sua condição superior quanto ao indivíduo nascido escravo. Todavia, com o desfecho dessa organização feudal e o advento do sistema capitalista, surge uma outra mudança que, inicialmente, se mostra revolucionária, mas que mais tarde toma postura exploratória.





Esta última mudança se trata da ascensão da burguesia que se embasa numa nova filosofia, a concepção não da essência mas da existência, pregando liberdade e direitos iguais, se opondo assim criticamente ao poder do clero. Nisso, um fator fundante emerge: o direito contratual. Este contrato resumidamente se refere à característica fundamentalista do capitalismo, que nada mais é do que o homem ter uma falsa sensação de liberdade visto que agora ele pode ser livre para escolher a quem vender sua força de trabalho (*Ibidem*, p. 39). Ora, agora não há mais a figura do escravo, embora essa condição apenas se adaptou para a nova concepção de sociedade interessada numa estrutura de produção deliberada. Enfim, é neste cenário que a burguesia se ascende e se torna hegemônica, fazendo acreditar numa sociedade democrática e igualitária, onde a proposta educacional é o ensino em massa a fim de tornar a sociedade minimamente capacitada para exercer e participar socialmente em democracia (*Ibidem*, p. 40). Nisso, uma outra concepção pedagógica será proposta pela burguesia: a Pedagogia da Existência.

Nessa nova concepção, de acordo com Dermeval Saviani (2012), os valores da burguesia, impressas na Pedagogia da Existência, se convertem para um outro lado, uma intenção agora de “[...] legitimar as desigualdades, legitimar a dominação, legitimar a sujeição, legitimar os privilégios.” (*Ibidem*, p. 41). Portanto, coexistindo ambas concepções, isto é, a essencialista e a existência, o cenário revela-se intrigador, pois “[...] não é a burguesia que assume o papel revolucionário, como assumira no início dos tempos modernos. Nesse momento, a classe revolucionária é outra: não é mais a burguesia, é exatamente aquela classe que a burguesia explora.” (*Ibidem*).

A segunda tese, na obra em questão têm por título “do caráter científico do método tradicional, e do caráter pseudocientífico dos métodos novos” (*Ibidem*, p. 41), e tem por intencionalidade a desmistificação do caráter pré-científico, ou anticientífico da escola tradicional, uma propaganda equivocada da Escola Nova. Nesta teoria, Saviani defende a cientificidade do ensino tradicional sob o argumento de que esse ensino baseia-se no método expositivo “cuja matriz teórica pode ser identificada nos cinco passos formais de Herbart.” (*Ibidem*, p. 43).

Tais passos se resumem da seguinte forma: recorda-se a lição anterior, depois apresenta-se um conteúdo novo, em sequência faz-se a comparação entre o conteúdo novo e o velho, em seguida o processo de generalização ocorre de modo que o aluno identifique o que



aprendeu em situações semelhantes e por fim, o último passo é o da aplicação que é o exercício do aluno em aplicar ou não esse conhecimento de modo a demonstrar se aprendeu de fato ou não.

Para Saviani, esse método tradicional é científico, pois se articula com o produto da ciência, mas por um outro lado, a Escola Nova é que se mostra não científica uma vez que propõe um ensino como o processo de pesquisa (*Ibidem*, p. 45). Neste método há cinco passos desse método na Escola Nova: i) há uma atividade, ii) onde há um problema a ser resolvido, iii) portanto, busca-se dados, iv) para levantar possíveis soluções, v) por fim, a experimentação do professor e aluno para avaliar o resultado da pesquisa.

O cerne dessa problemática exposta pelo autor, é que nesta proposta de ensino perdeu-se a distinção entre pesquisa e ensino, fazendo assim com que o ensino fique empobrecido o que inviabiliza a pesquisa. Da seguinte maneira ele diz: “O ensino não é um processo de pesquisa. Querer transformá-lo num processo de pesquisa é artificializá-lo. Daí o meu prefixo ‘pseudo’ ao científico dos métodos novos.” (*Ibidem*, p. 47).

E, como conclusão das duas teses anteriores, se há a terceira tese por título “a escola nova não é democrática” (*Ibidem*, p. 48). Pois bem, além de propor uma filosofia da existência e um método novo não científico, a Escola Nova proclamava ainda se dizer democrática. Todavia, para Saviani, esta linha idealista está longe de exercer democracia para com o proletariado uma vez que se propõe um ensino que os excluirá de participar na sociedade com equidade dado o empobrecimento do ensino. Em contraste, Saviani defende ainda que a pedagogia tradicional se mostra, em alguma medida, mais democrática visto que o ensino exige muito mais dos alunos com o objetivo de um maior alcance dos conhecimentos da humanidade, o que promove uma maior assertividade de esses sujeitos exercerem a democracia.

Ademais, Saviani se mostra bastante preocupado quanto a uma questão: os conteúdos. Para o autor em questão, a qualidade da educação implica diretamente com a prioridade dos conteúdos. Assim ele afirma:

Os conteúdos são fundamentais e, sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela se transforma num arremedo, ela se transforma numa farsa. Parece-me, pois, fundamental que se entenda isso e que, no interior da escola, nós atuemos segundo essa máxima: a prioridade de conteúdos, que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino. (*Ibidem*, p. 55)





Essa preocupação com os conteúdos se dá pelo fato de que se refere a cultura de uma sociedade, os conhecimentos, e, uma vez que a camada popular não domina tais conteúdos torna-se inviável a luta contra a classe dominante e dessa forma continuam sendo oprimidos. Dessa forma, o domínio dos conteúdos se torna uma arma fundamental para que o dominado se liberte, e é justamente sabendo disso que a escola nova emprega sabotagem aos conteúdos, com o intuito de que com a precarização do ensino a classe dominada não tenha vez de lutar. E dessa forma, portanto, o marginalizado continua marginalizado e sabotado pela hegemonia.

IV. UMA NOVA PROPOSTA

Diante de tais problemáticas de que as teorias vão sempre, de um jeito ou de outro, reproduzir e afirmar as desigualdades sociais e assim só afastar ainda mais a classe dominada de sua hegemonia, Saviani propõe uma nova teoria a partir do seguinte princípio: “Considerando-se que a classe dominante não tem interesse na transformação histórica da escola [...] segue-se que uma teoria crítica (que não seja reprodutivista) só poderá ser formulada do ponto de vista dos interesses dominados.” (*Ibidem*, p. 30).

Com isto, Saviani acredita que seja possível uma teoria educacional que supere a postura ilusória e ingênua das teorias não-críticas e que, ao mesmo tempo, não seja imponente como as teorias crítico-reprodutivistas que reconhecem seu condicionamento ante a realidade social mas não supera tal problemática. Portanto, o autor aponta para uma teoria que empodera os professores por meio de “uma arma de luta capaz de permitir-lhes o exercício de um poder real, ainda que limitado.” (*Ibidem*). Todavia, mais uma vez, Saviani chama a atenção para que essa nova perspectiva não se traduza numa ilusão e caia na armadilha de curvar-se novamente à tendência de reproduzir as desigualdades, como ele aponta anteriormente à Escola Nova.

Finalmente, embora haja as dificuldades e percalços complexos para se pensar numa proposta verdadeiramente emancipatória, Saviani se empenha em apresentar ao menos a sombra dessa nova teoria crítica que promete veementemente não reproduzir as desigualdades e lutar para que a qualidade de ensino dos trabalhadores seja a melhor possível, pois é esta a arma que lhe permitirá a ascensão almejada. Com relação a isto, Saviani afirma: “o papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes.” (*Ibidem*, p. 31).



4.1 A teoria Revolucionária.

Portanto, com a finalidade de atender as contradições e problemáticas das teorias não-críticas e crítico-reprodutivista, a teoria crítica formulada por Saviani busca apontar algumas perspectivas iniciais que, a distinguem da escola nova e que, em alguma medida se relaciona com qualidades pontuais da pedagogia tradicional.

Primeiramente, Saviani aponta que esta nova teoria, verdadeiramente crítica, difere-se das anteriores pois estas depositavam na própria educação o serviço de redimir a humanidade (*Ibidem*, p. 63). Porém, esta nova teoria crítica por sua vez reconhece que é condicionada e não espera ser redentora da humanidade, pelo menos não como o instrumento principal mas como secundário (*Ibidem*, p. 65). Ao tratar aqui a escola como secundária no processo de transformação da sociedade, Saviani não está diminuindo a importância da educação, inclusive ele afirma que a escola é sim um instrumento decisivo para efetivar transformações (*Ibidem*, p. 66), mas que todavia não deve ser tratada como a responsável pela solução de todos os problemas sociais. Enfim, nesta perspectiva a escola tem sua devida responsabilidade para transformação na sociedade, mas de forma equilibrada, pois supera-se a “[...] crença na autonomia ou na dependência absolutas da educação em face das condições sociais vigentes.” (*Ibidem*).

Em segundo lugar, a teoria crítica em questão abarca a qualidade da escola nova, ou seja, sua estrutura bem equipada e com isto melhores condições de educação às classes populares. (*Ibidem*, p. 69). E, ao que se refere aos conteúdos, há um interesse notório quanto aos métodos de ensino, tais que prometem superar os métodos tradicionais e novos (*Ibidem*). Os alunos nesta escola, também são interessados e têm o diálogo respeitado, não se trata de uma proposta autoritária mas com a medida autoridade e reconhecimento do saber do professor, que é a pessoa incumbida de debruçar-se a ter uma bagagem de conhecimento acerca de um determinado assunto para então compartilhar aos seus alunos.

Ademais, faz jus ressaltar que, apesar de dialogar com perspectivas pontuais das outras teorias, como a valorização dos conteúdos, do professor e a boa estrutura da escola nova, Saviani chama atenção para o fato de que não se trata de uma mistura de ambas teorias anteriores (*Ibidem*, p. 70), isto é, dos métodos da escola nova e da escola tradicional, mas de uma reestruturação da sociedade que a partir disso pode efetuar alguma transformação na educação.



Em suma, se trata de uma proposta que deve corresponder aos interesses da classe dominada, onde a escola, portanto, é um instrumento de luta para que o problema da marginalização que afeta a classe dominada, apontado no início da tese, seja resolvido verdadeiramente. Esta teoria recebe o nome inicialmente de “Pedagogia revolucionária”, ainda numa fase de concepção, mas depois, numa obra mais amadurecida, Saviani lhe pôr o nome de “Pedagogia Histórico-Crítica”. Tal teoria que não é aprofundada nesta obra em questão.

V. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas teorias não críticas, Dermeval Saviani se empenha em apontar as falhas das propostas educacionais deste grupo, que integra a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista. Mas, ao que se refere às teorias crítico-reprodutivistas, o autor não se detém a fazê-lo da mesma maneira, ao invés disso ele apresenta teorias em que se mostra como a educação se comporta como meio de reprodução das desigualdades já existentes, por isso a apresentação teórica da i) violência simbólica, ii) do Aparelho Ideológico de Estado (AIE), e iii) da escola dualista. Em tais teses, o autor revelou a falsa impressão ideológica de promessa revolucionária da classe hegemônica, quando em verdade revela-se com consequências de caráter reacionário, culminando assim para o reforço das desigualdades que só distancia a classe dominada de uma emancipação.

Assim, pode-se perceber que ambas teorias, isto é, as críticas e crítico-reprodutivistas estão fadadas a falhar quanto a essa perspectiva de promover uma educação transformadora à classe dominada. As não críticas falham pois compreendem a sociedade como autônomas da sociedade, são ingênuas neste sentido e com isto reforça a legitimidade das desigualdades. E a segunda, isto é, as crítico-reprodutivistas, reconhecem a dualidade existente na sociedade, mas segue seu percurso sem mudança, sabendo pois que está condicionada a exercer função de apenas reproduzir esse cenário social dado o princípio de que a escola está diretamente relacionada ao cenário social e que os interesses hegemônicos numa sociedade são refletidos na instituição escolar. Inclusive, Saviani chega a se mostrar cético quanto à perspectiva de que seja possível haver uma transformação por meio da educação visto que a luta sempre resultará na reprodução dos interesses da classe dominante.

Portanto, fica evidente a complexidade desta discussão visto que, evidencia-se que, a escola, de um modo ou de outro, sempre reproduz a desigualdade social existente, seja ela





baseada numa concepção teórica não crítica ou crítica, dado que não se pode ignorar o fator ideológico que o grupo dominante impõe e que interfere diretamente na educação, por ela estar inserida neste contexto social.

Por fim, neste sentido, Saviani tenta propor uma nova teoria educacional, uma em que seja efetivo a reestruturação da sociedade, não sua manutenção ou conservação, mas sua transformação. Assim, mesmo que de forma inicial ele se detém a discorrer sobre seus aspectos fundamentais. Todavia, nesta obra em questão, não há um aprofundamento de tal teoria o que não nos dá a seguridade de conceber esta nova teoria como de fato transformadora, portanto necessita de estudos mais aprofundados para se chegar a essa conclusão.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tais desdobramentos percebeu-se que tanto as teorias não-críticas quanto as crítico-reprodutivistas não resolvem o problema da marginalidade e tampouco tem potencial para promover uma ascensão social da classe trabalhadora. E isso, tendo em vista que tais teorias ora, inicialmente se apresentam como solução mas que logo depois se mostram falhas, falhas que na verdade são êxitos quanto a reafirmar a ideologia da classe dominante e com isso distanciar ainda mais o marginalizado de sua equalização social.

Assim, diante da constatação de que nenhuma dessas teorias educacionais é, de fato, efetivamente transformadora, compreendemos o quão desafiador é construir uma proposta verdadeiramente crítica e emancipatória. Portanto, torna-se essencial analisar e refletir cuidadosamente sobre o que se propõe como educação crítica, a fim de investigar se há, de fato, possibilidade de se realizar uma prática educativa coerente com a realidade social desigual.

Conclui-se portanto que a efetividade da nova proposta, apresentada pelo autor, como verdadeiramente transformadora exige estudos mais aprofundados acerca de sua aplicação prática, a fim de evitar que, ainda que de forma não intencional, reproduza as mesmas desigualdades observadas nas teorias anteriormente discutidas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. Editora Autores Associados, ed. 42, Campinas, SP. 2012.

